

## Emoções e rotinas: A construção da autonomia na vida conjugal

*Sofia Aboim*

### Introdução: Fusão amorosa e autonomia individual

O objectivo desta comunicação é o de identificar, a partir da análise qualitativa de 22 entrevistas em profundidade feitas a mulheres, entre os trinta e os quarenta anos, a viver em conjugalidade com filhos em idade escolar, na Área Metropolitana de Lisboa, formas específicas de construir a autonomia na vida a dois<sup>1</sup>. Propondo que a vida conjugal é feita tanto de afectos, como de rotinas e obrigações, parte-se da hipótese de que existe uma relação de articulação entre as orientações amorosas femininas (podem, afinal, viver-se na conjugalidade diferentes sentimentos: a paixão, o amor, a amizade, etc.) e as maneiras como as mulheres conceptualizam e vivem (ou não) na prática, a sua autonomia face à instância conjugal, face ao “nós-casal”.

Com esta interrogação pretende-se inquirir, afinal, sobre aquele que alguns autores consideram ser um dos aparentes “paradoxos” que progressivamente se impoem às conjugalidades contemporâneas, divididas entre um ideal de fusão afectiva que, mesmo transformado (nomeadamente pela crescente igualdade feminina e pela ideia de que o amor é um processo dinâmico), ainda persiste, e o investimento na individualidade<sup>2</sup>. Tenderia, assim, por um lado, crescentemente, a buscar-se autonomia e individualização, e, por outro, a desejar-se intimidade e proximidade afectiva fusional na relação a dois, fabricando um imaginário compósito do casal, habitado por dimensões aparentemente contraditórias, que resumem o que alguns chamam o “paradoxo conjugal contemporâneo” (Gucht, 1994; Neyrand, 2002). A convivência que, na modernidade avançada, se tem vindo a estabelecer entre individualização, entendida como busca de gratificação pessoal e autodeterminação do *self*, por um lado, e realização afectiva através de uma relação de alteridade, em que, em última instância, o sentido para a própria individualidade existe porque o outro existe (como tem vindo a frisar, por exemplo, Singly [1996, 2000]), por outro, constitui, afinal, um traço marcante das transformações históricas dos últimos séculos (cf. Elias, 1993; Beck e Beck-Gernsheim, 1995).

É, por conseguinte, neste contexto que se torna compreensível a discussão em torno de uma crescente valorização da autonomia individual nas relações conjugais. Chaumier (1999) propõe, por exemplo, a ideia de que a fusão seria cada vez mais substituída por uma espécie de “fissão afectiva” estruturada pela autonomia entre os parceiros. Do mesmo modo, Théry (2000) refere a passagem do modelo de “casal cadeia” ao “casal duo”, enquanto Roussel (1991) sugere a

<sup>1</sup> Os resultados apresentados integram uma investigação mais vasta sobre “Conjugalidades em mudança: percursos, orientações e dinâmicas da vida a dois”, desenvolvida enquanto trabalho para a realização de doutoramento em sociologia.

<sup>2</sup> O centramento na conjugalidade é bem visível, por exemplo, através dos inquéritos às representações sociais realizados em Portugal. Para referir um resultado demonstrativo note-se que os jovens optam, de entre as várias possibilidades de residência, por projectar viver com o cônjuge (Vasconcelos, 1998). Dados do *European Value Studies* permitem ainda observar atitudes da população portuguesa em relação à família, nos anos de 1990 e 1999 (Almeida, 2003). Um dos aspectos importantes a assinalar é o consenso generalizado em relação à importância da família para os inquiridos, facto que, por si só, desmistifica a ideia de “crise da família” ou de “crise da conjugalidade”; com efeito tanto em 1990 como em 1999 mais de 80% dos inquiridos considera a família como um aspecto muito importante da vida. O “ideal de conjugalização da felicidade” é, como refere Almeida, muito importante em Portugal por comparação com outros países europeus: cerca de 70% dos indivíduos refere que para se ser feliz é necessário um casamento ou uma relação estável, contra apenas 57% de respostas equivalentes ao nível médio da União Europeia. Por outro lado, evidencia-se ainda a importância da norma fusional na conjugalidade que se assume com grande importância entre as mulheres portuguesas a viver em casal com filhos, como se observou através dos resultados do inquérito às *Famílias no Portugal Contemporâneo* (cf. Aboim e Wall, 2002), já que 61% das inquiridas tenta partilhar amigos, lazeres, tempo e dinheiro com o cônjuge.

ideia de “família clube” como ex-libris do casal associativo moderno, ultrapassando, em larga medida, o modelo de companheirismo fusional que Burgess, Locke e Thomes (1960[1945]) haviam proposto, ao diagnosticarem a passagem histórica da instituição para o companheirismo. Singly (2000) diz-nos, por seu lado, que os indivíduos são “livres em conjunto” (*libres ensemble*), utilizando o termo “dupla vida” para se referir ao paradoxo do individualismo contemporâneo: os indivíduos querem ter ao mesmo tempo uma vida conjugal (estar com o outro), da qual depende sobremaneira a construção das suas identidades, e uma vida pessoal (estar a sós).

Em suma, trata-se cada vez mais de investigar formas de conjugalidade, e logicamente de afectividade, centradas na autonomia, bem como as tensões e contradições que tal desenvolvimento comporta para os indivíduos nelas envolvidos, procurando aferir as diferentes modalidades de conjugação entre o “eu” e o “nós” (Kellerhals, 1987).

Tentando encontrar algumas respostas para o problema colocado, quer-se, enfim, perceber quais os diferentes significados e contexturas que pode assumir a autonomia individual no Portugal de hoje. Na verdade, esta pode ser activa, visível, estratégica, entrar até em rota de colisão com as lógicas do grupo conjugal e familiar, ou ser, pelo contrário, conseguida por caminhos sub-reptícios, às vezes quase invisíveis. É o que acontece quando se trata, por exemplo, da autonomia de que sempre se pode dispor pelo pensamento interior ou através das pequenas coisas não partilhadas. Afinal era Simmel (1991) quem apontava a importância do segredo (e por consequência da individualidade) para a manutenção da própria harmonia conjugal. Neste jogo complexo, a identidade pessoal pode ser a da pertença ao casal, à família ou pode ser construída também em função de uma história pessoal e da inclusão noutros “círculos sociais”. Os indivíduos podem estar mais ou menos divididos entre o eu e o nós, numa arquitectura que pode ser sobretudo de complementaridade (na medida em que a própria identidade implica uma alteridade, articulação que redobra a sua força nomeadamente no plano dos afectos) ou também de tensão e conflito (na medida em que os objectivos individuais e os do grupo podem ser a dado ponto divergentes por qualquer razão).

Investigando a questão da autonomia na vida conjugal, procurámos, através das entrevistas, encontrar sobretudo respostas para duas perguntas-chave: a de saber, primeiro, o que, quotidianamente, “une” o casal e, depois, também o que o “separa”. Relativamente à primeira questão trata-se de investigar qual a área privilegiada de fusão conjugal (por exemplo, se a intimidade afectiva, a produção da vida material ou a concretização de um projecto familiar); qual a natureza do laço conjugal em termos de relações de género (complementaridade de papéis ou procura de igualdade); ou ainda quais os pesos relativos conferidos ao nós-casal ou ao nós-família. Relativamente à segunda questão (aqui, o principal objecto de indagação) trata-se, em suma, de investigar as maneiras como se produz a autonomia pessoal da mulher, tendo em conta três indicadores importantes: a percepção que ela tem da sua própria autonomia pessoal independentemente das práticas (afinal poderá existir separação conjugal no quotidiano e não se sentir isso enquanto autonomia ou espaço pessoal, e inversamente); o significado atribuído ao trabalho profissional (este pode ser sentido como parte da estratégia de sobrevivência familiar, pode constituir uma fonte de gratificação mas não ser o mais importante, ou pode ser, antes, concebido como uma fonte de independência ou mesmo como um projecto forte de individualidade); e, o tipo de autonomia produzida dentro da vida conjugal e familiar. A autonomia da mulher face ao nós-casal pode ser sobretudo uma “*autonomia centrada nas rotinas*” — existem estratégias de individualização das actividades quotidianas em que a mulher procura activamente preservar tempos e espaços pessoais — ou, pelo contrário, pode ser mais uma “*autonomia centrada na protecção da intimidade*” — aí a mulher procura resguardar parcelas da sua intimidade pessoal e dos seus pensamentos, às vezes havendo mesmo “interditos” entre o casal (assuntos ou episódios que não são partilhados e discutidos).

A estratégia de apresentação dos resultados será então, de acordo com a hipótese inicial, feita de forma a evidenciar a relação de cumplicidade entre dinâmicas de autonomia feminina e orientações amorosas (v. quadro de síntese), uma vez que parece configurar-se uma forte conexão entre o tipo de sentimento valorizado pela mulher (a orientação amorosa) e o contrapeso entre fusão e autonomia no seio do casal, desenhando-se um quadro de considerável pluralidade no que respeita às diferentes formas que pode assumir a autonomia feminina na conjugalidade.

## Orientações amorosas, dinâmicas conjugais e formas de autonomia feminina

### Autonomia mínima e orientações fusionais ultra-românticas na conjugalidade: Aliança romântica e companheirismo apaixonado

Uma primeira associação importante tece-se entre orientações amorosas ultra-românticas ou muito apaixonadas e estilos de funcionamento conjugal fortemente fusionais, em que a autonomia pessoal é discursivamente minimizada pelas mulheres entrevistadas. Transversais a contextos sociais diversos entre si, o romantismo amoroso tende assim a ligar-se à construção do casal fusional, por excelência. No entanto, este casal fusional pode ser fabricado de forma mais institucionalista, no quadro de relações de género tradicionais que vincam as diferenças entre masculino e feminino (a *aliança romântica*), ou, antes, de acordo com uma lógica mais modernista que mescla companheirismo e apaixonamento, num cenário de procura de alguma paridade entre homem e mulher (o *companheirismo apaixonado*). No primeiro caso, a dinâmica conjugal tenderia a ser fusional e fechada ao exterior, fundando os alicerces fusionais na complementaridade de género de que o próprio amor (estático, intuitivo, quase místico e pouco sexualizado) se alimenta. No segundo, pelo contrário, a junção intensa entre o casal seria aberta ao mundo exterior, sublinhando os lados emocionais da intimidade como principal centro subjectivo da junção conjugal, que se deseja forte, quase total, sem espaço sequer para “não ditos” entre o casal. A protecção da intimidade pessoal não constitui uma preocupação para estas mulheres, tão forte é a orientação fusional que preside à própria concepção do que deve ser um casal.

Evidentemente, quando se trata das primeiras situações, que apelidámos de “aliança romântica”, a própria visão fusional do amor pressupõe diferenças de género entre masculino e feminino: diferenças de responsabilidades, de competências e de tarefas, mas também de identidades e de aspirações. É precisamente das diferenças que se alimenta a complementaridade amorosa (e funcional, quotidiana) entre o casal, dando corpo a uma versão institucionalista do romantismo, que, entretanto, acaba por ser justificada pela “natureza espiritual” da união a dois. A forte dependência instrumental entre o casal decorre em última instância da existência de um laço amoroso forte. Não se trata como no arquétipo mais tradicionalista do casamento instituição de uma junção funcional onde os sentimentos constituem uma realidade à parte ou pouco importante, mas antes de uma visão em que são inseparáveis os aspectos emocionais da fusão conjugal e a produção da vida quotidiana, tão bem alicerçada na diferenciação sexual de papéis. Neste sentido, o laço amoroso é para estas mulheres, acima de tudo, um laço de género que supõe a complementaridade entre a “mulher-mãe” e o “homem-responsável, fonte de segurança para a família”. Podemos assim dizer que embora institucionalista, este “modelo” de conjugalidade está além do idealtipo de “casamento instituição”, pelo acento expressivo que os afectos sinalizam na concepção do casal, numa mistura de “amor sublimado” e de instituição, a que os ideários fortemente católicos das mulheres pouco escolarizadas que aqui se inscrevem não serão com certeza alheios.

Igualmente demonstrando, embora de maneira bastante mais “modernista”, a cumplicidade entre sentimento amoroso romântico, fusão intensa e autonomia mínima, o “companheirismo apaixonado”, que algumas mulheres hoje veiculam, distingue-se pela valorização da paixão na construção da relação conjugal, ainda hoje descrita com recurso às categorias que particularizam o sentimento de paixão inicial. Transversal a vários meios sociais, este perfil parece ser a actualização modernista do casal fusional do romantismo, que coloca agora o ónus na intimidade emocional entre o casal. Fusão emocional que, exigente de comunicação e de cooperação instrumental entre os cônjuges, se alimenta precisamente da junção de rotinas quotidianas, ponto essencial de apoio para a intensidade da troca que se pretende efectivar na relação conjugal. Apesar da minimização da autonomia feminina, a conjugalidade deve ser construída num clima de paridade de género. Neste caso, a fusão que se deseja manter algo apaixonada depende, em grande medida, do apoio e da concertação conjugal para a realização das tarefas do dia-a-dia.

Uma segunda articulação destaca, por outro lado, em sentido genérico, a cumplicidade entre orientações amorosas cimentadas sob a valorização do “amor amizade”—menos romântico e menos fusional na sua configuração — e estilos de funcionamento conjugal capazes de abrir mais campo para a expressão da autonomia pessoal (de “género” ou centrada na “protecção de alguma intimidade pessoal”), mesmo que a noção do casal como uma unidade fusional possa ser também de uma

importância fundadora e absolutamente estrutural. A amizade como sentimento de união conjugal<sup>3</sup> pode, no entanto, ser expressa de maneiras consideravelmente distintas, particularmente permeáveis aos contextos específicos em que são erigidas, tratando-se, uma vez mais, de recapitular a distinção lata entre “aliança” (mais institucionalista) e “companheirismo” (mais igualitário e orientado para a cooperação).

### **A “autonomia como divisão de género” sob uma norma de complementaridade fusional**

Com efeito, a “aliança de amizade”, justificada sobretudo pela dependência de género que actua como liame fusional entre o casal, denotando o peso simbólico das expectativas relacionais que o romantismo foi historicamente edificando, constitui uma orientação particular a mulheres de meios populares, que beneficiam das margens de autonomia pessoal que a naturalização das diferenças de género em papéis e identidades muito diferenciadas tradicionalmente instituiu. Curiosamente, uma visão um pouco menos romântica da conjugalidade, assente em papéis de género bem sedimentados por caracteres institucionalistas, acaba por permitir às mulheres encontrarem, para si, alguns espaços pessoais que são estrategicamente resguardados,

Trata-se assim tanto de uma fusão conjugal baseada na complementaridade de género (o próprio amor a dois é alimentado pela diferença entre masculino e feminino, de acordo com a visão mais tradicionalista do romantismo), como de uma autonomia pessoal fabricada dos espaços e poderes específicos tradicionalmente atribuídos às mulheres. O espaço doméstico, as competências maternas, as qualidades expressivas são afinal atributos conotados com o feminino. Longe do ideal de “casamento instituição”, onde o afecto é figura secundária ou mesmo ausente, nesta visão afectiva da conjugalidade é o homem quem mais acaba por sofrer as “tiranias” de uma intimidade doméstica que é mais estranha à sua “natureza masculina”, mas que a mulher não deixa de querer também concretizar, pelo menos em alguma medida. De facto, nenhuma das entrevistadas parece ser alheia a esta “invenção da intimidade romântica” que trespassa as sociedades actuais, mesmo quando finalidades instrumentais ligadas à sobrevivência, à produção da vida material e às responsabilidades inerentes à transição para a parentalidade<sup>4</sup> se afiguram consideravelmente dominantes nas prioridades quotidianas e no projecto de vida familiar.

### **Alguma “autonomia interior” e companheirismo de apoio e amizade**

Por seu lado, nas formas de “companheirismo de apoio e amizade”, estruturadas, por seu lado, pelo valor da igualdade conjugal, o acento na troca e na partilha funcional de rotinas surge entretanto, ao contrário do caso anterior, como base de sustentação conjugal. O laço de grande amizade existente entre o casal funda alicerces na cooperação mútua, tratando-se assim de uma fusão construída através da cooperação, da partilha de ideais e de projectos, de uma “fusão amical”. Neste companheirismo amical centrado no apoio recíproco elogia-se uma regra fusional sob a forma de um projecto familiar que acaba por ser o valor dominante da conjugalidade, como tende a acontecer entre algumas mulheres qualificadas academicamente, inseridas em fortes redes de parentesco e portadoras de uma matriz católica de pensamento. A conjugalidade é, ainda, uma instância relacional que se insere numa lógica mais abrangente de reprodução familiar.

Assim, o discurso sub-reptício sobre a autonomia pessoal tende, quando aparece, a ser recheado de ambiguidades, oscilando-se entre registos ora de grande fusão, ora de valorização de parcelas de autonomia, nomeadamente a que emana da protecção de alguma intimidade pessoal (alguns “segredos” servem até para proteger a harmonia conjugal e familiar, justificam as mulheres entrevistadas). As principais características deste estilo de coesão conjugal apontam para interacções caracterizadas por um contrabalanço variável, e nem sempre linear, da fusão e da autonomia consoante

<sup>3</sup> Aquele que, aliás, muitas vezes permite a duração da conjugalidade ao longo dos anos de rotinas em comum, configurando uma semântica quotidianizada do romantismo, como bem nota Luhmann (1991).

<sup>4</sup> Pelo menos assim indicam os nossos dados. O efeito da transição para a parentalidade sobre a vida conjugal constituiu aliás uma das hipóteses de partida operacionalizadas no inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo (em que temos vindo a trabalhar), tendo de facto vindo a verificar-se que uma grande parte das mulheres identifica claramente as mudanças operadas após a chegada do primeiro bebé (v. Wall, 2004).

as áreas da vida familiar, deixando perceber que alguma autonomia pessoal pode ser fabricada também enquanto “espaço interior”.

Um outro ponto a salientar respeita, finalmente, às formas de autonomia procuradas e desejadas enquanto tal, portanto a mulheres que vivem conjugalidades de estilo associativo. No entanto, nuns casos, a autonomia pode estar em fase de construção e afirmação, ancorando em fases do curso de vida caracterizadas pela transição de modos de funcionamento fusionais para estilos mais associativos de conjugalidade. Noutros casos, a conjugalidade associativa pode estar, inclusivamente, mais próxima do tipo ideal que descreve normalmente este modelo de interacção, tratando-se de situações em que a valorização da autonomia pessoal se inscreve no interior da própria concepção de afectividade e de relação a dois, constituindo-lhe, em grande medida, o sustentáculo.

### **Autonomia progressiva e companheirismo em construção após uma fase inicial de fusão apaixonada**

Uma das configurações que assinalámos é assim a de um companheirismo, visto pelas entrevistadas como dinâmico, mutável, em constante renovação. A sensação forte de permanente construção da relação, foi, afinal, cúmplice com a passagem de um período de enamoramento inicial, lembrado como mais fusional e mais intensamente amoroso, para um amor preferencialmente sustentado pela amizade. A transformação do sentimento conjugal, consolidado progressivamente pela amizade companheirista, teve como contrapeso uma também progressiva individualização feminina, produzida, a dado momento do percurso conjugal, pela busca estratégica e conscientemente formulada de autonomia pessoal. Busca esta que começou a delinear-se de forma mais evidente passado o período inicial de fusão amorosa apaixonada, diminuindo paulatinamente a força do “nós-casal” enquanto instância privilegiada de interacção. Com efeito, de um funcionamento interno que é retrospectivamente retratado, quando se fala dos primeiros tempos de vida a dois, como conjunto e apaixonado, passou-se progressivamente a viver uma dinâmica conjugal associativa, actualmente assinalada pela vontade feminina de conquistar objectivos pessoais, espaço para si próprias e sobretudo realizar projectos profissionais, antes relegados para segundo plano.

As mudanças operadas no plano afectivo estabelecem assim uma estreita convivência com as transformações verificadas no campo das interacções conjugais, demonstrando-se, uma vez mais, a articulação entre um determinado formato de fusão conjugal (em que a proximidade emocional convoca a partilha quotidiana) e a vivência de um sentimento apaixonado. Neste processo de construção progressiva do casal associativo, a mudança operada no feminino, visível no aumento da vontade de investimento na realização profissional e pessoal, é sem dúvida um factor de peso. A construção de um companheirismo baseado no amor amizade, que veio paulatinamente substituir o “apaixonamento” dos primeiros tempos, é afinal a face emocional das mudanças operadas em si mesmas e na dinâmica conjugal. Para estas mulheres o “estar apaixonada” tem ainda hoje uma forte conotação fusional, ligando-se a autonomia pessoal à construção de formas de afectividade “amicais”, que consideram menos intensas e, por isso, também menos exigentes em matéria de disponibilidade pessoal.

### **Autonomia individual forte e “amor de alternância” em conjugalidades associativas**

Existe, contudo, uma outra forma, mais apaixonada, de construir a conjugalidade associativa, uma forma inclusivamente mais próxima do tipo ideal que descreve normalmente este modelo de interacção. Trata-se de situações em que a valorização da autonomia pessoal se inscreve no interior da própria concepção de afectividade e de relação a dois, constituindo-lhe, em grande medida, o sustentáculo. O “amor de alternância”, como lhe chamámos por se fabricar tanto de companheirismo e amizade como de momentos de procura de paixão, é assim a orientação amorosa que, no leque empírico de situações que identificámos, mais próxima se encontra da ideia de relação pura e de amor confluyente proposta por Giddens (1996), afastando-se da concepção de fusão conjugal mais comum aos cânones do romantismo. A visão da relação conjugal funda-se simultaneamente na valorização de uma grande intimidade e cumplicidade entre o casal, ressaltando as gratificações sexuais e amorosas da relação que se deseja manter vivas ao longo do tempo, e na cooperação companheirista e paritária que deve presidir à organização das rotinas do dia-a-dia.

No quadro desta orientação amorosa, os indivíduos deverão necessariamente preservar a sua autonomia não só porque a realização pessoal é muito importante (na carreira profissional, por exemplo), mas também porque a própria construção da intimidade surge dependente da paridade e da negociação entre ambos os parceiros; neste sentido para haver intimidade fusional e troca emocional intensa é igualmente necessária a preservação de boas margens de independência pessoal. O amor pressupõe à partida essa independência. Não se trata assim, como muitas vezes é sugerido na literatura sociológica (cf. Neyrand, 2002; Singly, 2000; Chaumier, 1999), de uma tensão entre individualismo e fusão amorosa, mas antes de uma intimidade baseada na independência pessoal, na igualdade e na gestão de diferentes pertenças e instâncias de realização do *self*. A construção social de uma tal visão da conjugalidade será com certeza produto de um processo de individualização social (no sentido em que o define Elias, 1993), em que a noção de pessoa individual ganha importância subjectiva, desejando investir-se em si mesmo, mas do qual não se exclui a relação privilegiada de alteridade. E a relação amorosa, aqui conjugal, é por excelência a alteridade valorizada. As dificuldades sentidas por estas mulheres altamente escolarizadas parecem, assim, advir muito mais do esforço de gestão do quotidiano e dos fortes investimentos subjectivos (e materiais, claro) que fazem tanto na profissão e no espaço pessoal, como na intimidade conjugal ou na maternidade e vida de família. Globalmente, nos casos que pesquisámos, a busca de autonomia pessoal aparece conotada com uma valorização da independência e não com o individualismo que muitas vezes se tende a imputar a lógicas associativas de funcionamento conjugal.

O “amor de alternância”, como lhe chamámos por se fabricar tanto de companheirismo e amizade como de momentos de procura de paixão, é assim a orientação amorosa que, no leque empírico de situações que identificámos, mais próxima se encontra da ideia de relação pura e de amor confluyente proposta por Giddens (1996) — e que Torres (2000) prefere chamar de “amor construção” —, afastando-se da concepção de fusão conjugal mais comum aos cânones do romantismo. A visão da relação conjugal funda-se simultaneamente na valorização de uma grande intimidade e cumplicidade entre o casal, ressaltando as gratificações sexuais e amorosas da relação que se deseja manter vivas ao longo do tempo, e na cooperação companheirista e paritária que deve presidir à organização das rotinas do dia-a-dia, resguardando-se, sempre como princípio básico, a autonomia individual que se considera fundamental para si mesmo e até na própria relação.

Quadro Síntese

Orientações amorosas, dinâmicas de coesão conjugal e algumas variáveis de contextualização

<i>Orientação amorosa actual</i> <i>Traços principais</i>	<i>Dinâmicas de coesão conjugal</i>		<i>Algumas variáveis de contexto</i>
	<i>Tipo de autonomia feminina</i>	<i>Tipo de fusão (área de coesão, instância privilegiada, perfil das rotinas)</i>	
<b>ALIANÇA ROMÂNTICA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Justificação mística: “fusão de almas”</li> <li>Conhecimento intuitivo do outro</li> <li>Pouca importância da sexualidade</li> <li>Percepção da relação como estática</li> <li>Idealização do casamento, respeito, harmonia</li> <li>Fusão como complementaridade de género (função de papel)</li> </ul>	<b>AUTONOMIA MÍNIMA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Ausência de percepção de autonomia</li> <li>Trabalho profissional como “obrigação familiar”</li> <li>Ausência de actividades individuais e de “segredos”</li> </ul>	<b>FUSÃO FORTE</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Cimento institucional; produção da vida material; sentimento; dependência</li> <li>Nós-casal / Nós família</li> <li>Casamento, maternidade</li> <li>Rotinas muito fusionais</li> <li>Fechamento ao exterior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Meio popular (operário)</li> <li>Catolicismo forte</li> <li>Namoros jovens</li> <li>1º casamento</li> <li>Isolamento residencial do casal</li> </ul>
<b>COMPANHEIRISMO APAIXONADO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Justificação pela atracção</li> <li>Valorização da paixão</li> <li>Relação construção permanente</li> <li>Importância da sexualidade</li> <li>Procura de igualdade de género</li> <li>Fusão emocional, intimidade, comunicação, apoio</li> </ul>	<b>AUTONOMIA MÍNIMA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Autonomia interior mínima (alguns pensamentos não partilhados)</li> <li>Família é mais importante que a profissão, mas a profissão também pode ser gratificante</li> <li>Ausência de actividades individuais</li> </ul>	<b>FUSÃO FORTE</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Sentimento, dinâmica conjugal / familiar</li> <li>Nós casal, nós família</li> <li>Rotinas muito fusionais</li> <li>Abertura e sociabilidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Vários meios sociais; transversalidade social</li> <li>Namoros muito jovens</li> <li>Identidade conjugalizada</li> </ul>
<b>ALIANÇA DE AMIZADE</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Justificação pela dependência de género</li> <li>Algum romantismo</li> <li>Sentimento sedimentado pela convivência e pelas rotinas</li> <li>Pouca importância da sexualidade</li> <li>Mudanças subjectivas com a chegada dos filhos</li> <li>Respeito, harmonia, reprodução familiar</li> <li>Fusão como complementaridade de género (função de papel)</li> </ul>	<b>ALGUMA AUTONOMIA (DE GÉNERO)</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Percepção da autonomia como resultante das diferenças de género (naturalização da diferença)</li> <li>Trabalho profissional como “obrigação familiar”</li> <li>Protecção de alguma intimidade pessoal e existência de algumas actividades individuais</li> </ul>	<b>FUSÃO (IDEAL, FAMILIALISTA)</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Cimento institucional; produção da vida material; criar e educar os filhos</li> <li>Nós-família</li> <li>Maternidade</li> <li>Algumas rotinas fusionais</li> <li>Algum fechamento feminino (mais abertura masculina)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Meios populares</li> <li>Namoros jovens</li> <li>Meios pequenos; relações de vizinhança</li> </ul>
<b>COMPANHEIRISMO DE APOIO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Justificação pelos ideais comuns</li> <li>Amizade, apoio mútuo entre cônjuges</li> <li>Relação codificada desde o início</li> <li>Pouca importância da sexualidade</li> <li>Procura de igualdade de género</li> <li>Fusão pela comunicação e cooperação quotidiana</li> </ul>	<b>ALGUMA AUTONOMIA (“INTERIOR”)</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Percepção de uma autonomia centrada na protecção de alguma intimidade pessoal</li> <li>Família é mais importante que a profissão, mas a profissão também pode ser gratificante</li> <li>Autonomia pela protecção da intimidade, poucas actividades individuais</li> </ul>	<b>FUSÃO (IDEAL, FAMILIALISTA)</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Projecto familiarista</li> <li>Produção da vida quotidiana; bem-estar da família; sentimento</li> <li>Nós-família: nuclear e alargada</li> <li>Algumas rotinas fusionais com actividades individuais</li> <li>Abertura ao exterior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Vários meios sociais; transversalidade social</li> <li>Namoros muito jovens</li> <li>Identidade conjugalizada</li> </ul>

COMPANHEIRISMO “EM CONSTRUÇÃO”	AUTONOMIA “PROGRESSIVA”	ALGUMA FUSÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Justificação pela mudança e amadurecimento da relação</li> <li>• Amizade, apoio mútuo entre cônjuges</li> <li>• Relação construção permanente</li> <li>• Realização pessoal</li> <li>• Procura de igualdade de género</li> <li>• Fusão pela comunicação e cooperação quotidiana</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conquista progressiva de autonomia</li> <li>• Investimento profissional forte (a profissão é uma das dimensões privilegiadas da autonomia feminina)</li> <li>• Autonomia nas rotinas e na intimidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projecto individual; valorização progressiva da autonomia feminina</li> <li>• Produção da vida quotidiana, sentimento</li> <li>• Eu / nós-família</li> <li>• Algumas rotinas fusionais com muitas actividades individuais</li> <li>• Abertura ao exterior, sociabilidade forte</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Meios qualificados</li> <li>• Mobilidade profissional ascendente da mulher</li> <li>• Catolicismo não praticante</li> </ul>
AMOR DE “ALTERNÂNCIA”	AUTONOMIA FORTE (INVESTIMENTO PESSOAL)	ALGUMA FUSÃO (NÓS-CASAL FORTE)
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Justificação pela qualidade da relação</li> <li>• Amizade e entreadada, relação de companheirismo, mas também paixão, desejo</li> <li>• Relação construção permanente</li> <li>• Importância da sexualidade</li> <li>• Procura de igualdade de género</li> <li>• Acento forte na negociação e na reflexividade conjunta sobre a relação</li> <li>• Autonomia pessoal como base da conjugalidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Percepção de fortes divisões nos investimentos femininos: entre o trabalho, o casal, os filhos e outras relações sociais</li> <li>• Orientação feminina para a carreira profissional (a profissão é uma das dimensões privilegiadas da autonomia feminina)</li> <li>• Autonomia nas rotinas e na intimidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diálogo, interesses comuns, cumplicidade, sentimento</li> <li>• Forte territorialização das instâncias privilegiadas: espaço tripartido (eu, casal, família)</li> <li>• Acento na realização profissional e no bem-estar pessoal, a par do investimento fusional</li> <li>• Abertura ao exterior, sociabilidade forte</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Meios muito qualificados</li> <li>• Entradas informais na conjugalidade</li> </ul>

## Notas finais

Um primeiro facto importante a assinalar aponta, sem dúvida, para a pluralidade de ideários afectivos, comprovando a existência de variadas semânticas do amor na conjugalidade. Longe de haver um formato absolutamente dominante de expressão do sentimento conjugal, assistimos a maneiras plurais de reconstruir e orientar a afectividade na vida a dois. Se a construção do casamento como relação de amor adquire características de hegemonia, demonstrando o impacto dos grandes processos de transformação histórica de sentimentalização da vida familiar na estruturação da conjugalidade, é preciso também notar que as várias semânticas do amor (mais românticas, apaixonadas, amicais ou mesmo aproximadas ao ideal de “relação pura” que nos propõe Giddens[1996]) se reactualizam nos discursos individuais de maneiras específicas, que apelam à conjunção de vários processos sociais concomitantes — a valorização da igualdade de género, da realização individual ou de uma intimidade negociada e construída podem ser tidas como bons exemplos. Existem, de facto, maneiras diversas de incorporação do amor romântico, do amor como amizade ou do amor como paixão, que reencontram especificidades no formato das relações de género no casal, na concepção da identidade pessoal e do projecto de vida, bem como no tipo de fusão conjugal e de autonomia individual ou na visão global da conjugalidade que se tem (mais institucional ou mais relacional).

Uma segunda constatação que merece destaque prende-se com a forte cumplicidade que se estabelece entre o tipo de sentimento valorizado (a orientação amorosa) e o contrapeso entre fusão e autonomia no seio do casal; ambas as dimensões perfilam um quadro de pluralidade de estilos de orientação e de funcionamento conjugal que se apresenta, de um ponto de vista microssociológico, mais complexo do que aquele que as definições idealtípicas de “casamento instituição”, “fusão romântica” ou “associação *individualista*” propõem teoricamente. Com efeito, as formas de autonomia construídas na conjugalidade são consideravelmente diversificadas, como pudemos observar. Oscilam desde a ausência de percepção de um “eu” individualizado, até formas de autonomia que, não sendo necessariamente estratégicas, são sustentadas pela própria diferenciação de género na conjugalidade ou pela protecção de um “espaço de intimidade interior”, ou, mais ainda, até formas desejadas de autonomia individual, umas ainda em construção, outras mais estruturais e enraizadas na conjugalidade.

Um terceiro ponto a salientar respeita, por seu lado, à multi-causalidade subjacente à construção social do casal, dificilmente se podendo atribuir a um factor único a construção de uma

dada forma de funcionamento conjugal. As orientações amorosas, bem como as maneiras como se constroem certos estilos de autonomia, aparecem marcadas por diferentes níveis de realidade social.

Por um lado, vislumbram-se, sem dúvida, os efeitos operados pelos processos de mudança histórica das sociedades ocidentais, sentimentalizando e privatizando o universo da vida familiar e instituindo a ideia de que casamento é amor. A popularidade e a transversalidade social do ideário fusional do casal dever-se-ão provavelmente a este movimento de mudança, que transformou o afecto em categoria discursiva generalizada e legitimadora de escolhas e de comportamentos. A crescente primazia dada ao amor na vida privada, elegendo-o como uma das (senão como a...) grandes fontes de bem-estar pessoal, poderá contribuir para explicar opções, investimentos, maneiras de estar e de interagir.

Por outro lado, para além das transformações ocorridas no universo simbólico dominante das sociedades ocidentais (que não deixaram certamente de contribuir para a visibilidade social actual da “psicologização” emocional das relações), existem os contextos sociais de pertença, onde as desigualdades estruturais se materializam configurando um espaço social diferenciado. Situados algures nesse espaço social diferenciado, os indivíduos, possuidores de capitais específicos, incorporam disposições diferentes para a acção, mesmo que algumas delas frequentemente se referenciam a simbolismos comuns. Embora os sistemas de disposições não sejam fechados às contingências e possibilidades que cada percurso de vida oferece ao indivíduo, existe uma força do *habitus* (Bourdieu, 1980) que se faz visível na correlação tendencial que encontramos, apesar da pluralidade de variações observadas, entre determinados estilos de construção do casal e contextos de classe. Para acabarmos a nossa argumentação com um exemplo ilustrativo, bastar-nos-á lembrar que não é por acaso que a autonomia associativa encontra possibilidades para se desenvolver em contextos sociais académica e profissionalmente tão qualificados.

## Referências bibliográficas

- ABOIM, S, WALL, K. (2002), “Tipos de família em Portugal: interacções, valores, contextos”, *Análise Social*, n.º 163, pp. 411-446.
- ALMEIDA, A. N. (2003), “Família, Conjugalidade e Procriação: Valores e Papéis”, in J. Vala, M. V. Cabral e A. Ramos (orgs.), *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais /ICS, pp. 50-93.
- BECK, U., BECK-GERNSHEIM, E. (1995), *The Normal Chaos of Love*, Cambridge, Polity Press.
- BOURDIEU, Pierre (1980), *Le Sens Pratique*, Paris, Éd. de Minuit.
- BURGESS, E. W., LOCKE, H. J., THOMES, M. (1960[1945]), *The family from institution to companionship*, New York, American Book.
- CHAUMIER, S. (1999), *La déliaison amoureuse. De la fusion romantique au désir d'indépendance*, Paris, Armand Colin.
- ELIAS, Norbert (1993 [1939 a 1987]), *A Sociedade dos Indivíduos*, Lisboa, Dom Quixote.
- GIDDENS, Anthony (1996), *As Transformações da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, Oeiras, Celta Editora.
- GUCHT, D. V. (1994), “La religion de l’amour et la culture conjugal”, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. 97, pp. 328-353.
- KELLERHALS, Jean (1987), “Les types d'interaction dans la famille”, *L'Année Sociologique*, n.º 37, pp. 153-179.
- LUHMANN, Niklas (1991), *O Amor como Paixão: para a Codificação da Intimidade*, Lisboa, Difel.
- NEYRAND, Gérard (2002), “Idéalisation du conjugal et fragilisation du couple ou le paradoxe de l’individualisme relationnel », *Dialogue*, n.º 155, pp. 80-88.
- ROUSSEL, L. (1991), “Les types de familles”, in F. de Singly (org.), *La Famille. L'État des Savoirs*, Paris, La Découverte, pp. 83-94.

- SIMMEL, Georg (1991[1908]), *Secret et sociétés secrètes*, Strasbourg, Circé.
- SINGLY, F. (1996), *Le soi, le couple et la famille*. Bruxelles, Ed. Nathan.
- SINGLY, F. de (2000), *Libres ensemble. L'individualisme dans la vie commune*, Paris, Nathan.
- THÉRY, Irène (2000), “Le couple occidental et son évolution sociale : du couple «chaînon» au couple «duo»”, *Dialogue*, n.º 150, pp. 3-11.
- TORRES, Anália (2000), *Trajectórias, Dinâmicas e Formas de Conjugalidade. Assimetrias Sociais e de Género no Casamento*, dissertação da tese doutoramento, ISCTE.
- VASCONCELOS, Pedro (1998), “Vida familiar”, in J. Machado Pais (coord.) *et al.*, *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, ICS, Secretaria de Estado da Juventude, pp. 321-404.
- WALL, Karin (coord.) (2004), *Famílias no Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais/ICS (no prelo).